

A VIVÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO OCIDENTAL

Gilbraz Aragão

Eu já tratei desse assunto na minha dissertação de mestrado - “Pobre evangelizando pobre: uma experiência libertadora do Espírito de Deus no Encontro de Irmãos no Recife” -, de modo que quem tiver interesse neste ponto em particular, da experiência do Espírito Santo nas Comunidades de Base, tem o que procurar na biblioteca (ver também a parte publicada em Aragão, Gilbraz. Encontro de Irmãos: fragmentos de história. Recife: CENDHEC, 1994). Hoje quero falar, de um modo mais geral, sobre a vivência - ou falta - do Espírito na nossa Igreja como um todo.

A nossa semana teológica está tratando do Espírito de Deus, que sopra onde quer (cf. Jo 3,8) - nas ondas do surfista que se equilibra sobre a sua prancha, como nas comunidades cristãs que buscam equilíbrio espiritual para singrar com humana liberdade as ondas do “mar (dos condicionamentos) da vida”. Falar do Espírito é coisa muito séria, até porque a maioria não compreende muito do que se diz - quando se diz! - sobre ele. Houve gente até criticando o cartaz deste nosso encontro, porque traz uma imagem “mundana”, e não aquele passarinho, a pomba que se fixou como representação do Espírito - e representa até, para alguns, o modo espiritual (ou “pombal”) que a gente vai ter na “outra vida”.

Depois, a cultura pós-moderna tem sede de espiritualidade, e há muito “espírito” agindo solto por aí: espíritos dos mortos invocados pelos médiuns espíritas, espíritos de luz e de trevas, espíritos de duendes e curupiras, espíritos fortes de curandeiros e gurus, “espíritos santos” invocados por pastores e carismáticos contra todos os outros espíritos. Fica difícil um discernimento nesse em(com)bate espiritual, não é? Uma alternativa, inclusive, para o nosso cartaz, poderia ter sido, a exemplo daqueles dois anjos se enfrentando no do ano passado, colocar agora vários espíritos e fantasmas se encarando seriamente - ou, então, também não colocar nada: deixar o cartaz em branco (ou preto!).

Falar em cartaz, outro dia cheguei a um ambulatório médico, onde se permitiu colocar um anúncio de certo “concorrente” nos seguintes termos:

“CLÍNICA DA ALMA

- Médico responsável: Dr. Jesus Cristo
- Graduação: Filho de Deus
- Médico auxiliar: o Espírito Santo
- Campo de atuação: o coração
- Sua experiência: infalível
- Sua especialidade: o impossível
- Sala de cirurgia: o altar
- Seu hospital: a Igreja
- Horários de consulta: 24 horas por dia ...”

Acredito que é um cartaz que resume bem o senso comum cristão atual, onde, para além da verdadeira origem comum entre medicina e meditação, saúde e salvação, faz-se um reducionismo do campo religioso à cura d’almas ou do “coração” - como se as questões de saúde pública não interessassem à missão religiosa, como se as condições materiais de sobrevivência não interessassem a Deus. Jesus Cristo, de fato, é muitas vezes tido como um médico espiritual que, com a assistência do Espírito Santo na qualidade de “médico auxiliar”, opera nos altares das igrejas, subvertendo, de modo extraordinário, a ordem natural em milagres objetivos ou, ao menos, alterando a percepção subjetiva do coração sobre a realidade.

Pergunte a um cristão quem é o seu Deus e o símbolo básico da nossa fé; a Trindade Santa, que ritualmente é lembrada cada vez que alguém se benze, logo desaparece da mente: fala-se de Deus no abstrato, conforme categorias gregas, até recordado como Criador do Mundo; ou então sobre Jesus, esse judeu Nosso Senhor - ao menos no seu nascimento e no seu padecimento, quase que sem nenhuma referência à sua missão e ao seu seguimento. Mas, ao menos do “Cristo Redentor”, as pessoas se lembram.

Agora, sobre o Espírito, nada se sabe dizer, além de que é uma pomba... Não entra na Imagem de Deus mesmo. E porque nela falta essa dimensão de força divina vivificante, que tira da estreiteza para a amplidão e, dessa maneira, traz vida; dimensão dinâmica e feminina até (pois, nas Escrituras, o Espírito tem palavras e atributos femininos [*ruah* no hebraico, *pneuma* no grego], constituindo uma face maternal de Deus, que João Paulo I bem expressou na frase famosa: “Deus é Pai e, ainda mais, Mãe”). O povo, então, na sua limitação e na sua sabedoria, compensa o símbolo da fé com uma exacerbada devoção à Maria - que, em certas paróquias, se desdobra também na devoção à eucaristia e/ou na devoção ao Papa, perfazendo o conjunto das três “devoções brancas”, às vezes substitutivas de uma teologia mais elaborada sobre o Espírito.

É muito sintomático que a oração da *epiclese*, a invocação do Espírito Santo

na eucaristia, não provoque aparentemente nenhum efeito na gente, enquanto que a oração da consagração, que relembra as palavras de Cristo, seja cercada de um clima mágico de reverência, chegando-se aos extremos da exposição ostensiva do hostensório, com o povo ajoelhado como frente a um monarca, entoando aquele canto impróprio: “Jesus está aqui, tão certo como eu te falo...”. Essa cena, aliás, recorda Berengário de Tours sendo obrigado à confissão de fé eucarística, em 1059, segundo a qual a presença real da eucaristia seria uma presença sensível, carnal e onde o corpo e o sangue de Cristo seriam manejados pelas mãos do sacerdote e triturados pelos dentes dos fiéis de modo real e autêntico. Minha gente, o Cristo está presente na eucaristia como está nas leituras da Bíblia – e no clamor dos oprimidos -, é pela presença do Espírito Santo, recebido na fé da comunidade e de modo apenas sacramental. Por que será que temos tanta dificuldade para perceber a realidade toda como espiritual e saímos à cata de gestos mágicos que sacralizem, de um modo extraordinário, este ou aquele pedaço de realidade?

Parece que a falha começou mesmo foi pelos padres, que, inclusive, só se lembram do coitado quando não preparam direito a missa e aí se valem da assembléia para invocar uma ajudinha do Espírito antes do sermão. O “danado”, supõe-se, age na medida da nossa passividade ou do nosso desleixo até. Ele, por outro lado, que representa o princípio ativo de renovação libertária na figura divina, é comumente usado para sacralizar o poder da autoridade eclesiástica sobre quem se impôs as mãos, segundo a tradição da Igreja. O Espírito está com o poder, com o clero, ou com o carisma, com os carismáticos profetas que buscam sempre de novo fazer do movimento cristão, no mundo, a consciência do que o mundo deve ser – “Reinado de Deus” ?!

Aliás, quem representa mesmo a autêntica presença questionadora do Espírito entre nós hoje são os carismáticos pentecostais, que resumiram o cristianismo em um novo batismo – no “fogo” do Espírito –, capaz de gerar grupos dotados de poderes parapsicológicos de cura e exorcismo, fechados para a festa e a política do mundo e na expectativa animada da volta do Senhor Jesus; ou são as Comunidades de Base e Pastorais libertadoras, que sentem em si mesmas a ação do Espírito de Jesus, que é a ação do Deus, que liberta, realizando, então, o milagre de conscientizar as massas para o tempo da ação histórica humanizante, através do compromisso místico-político que nos permite superar os medos e condicionamentos psicológicos e sociais? Quem mais fala do Espírito nem sempre fala no (segundo o) Espírito. Quem pode ter o monopólio dEle... se Ele sopra onde quer?!

Não devemos esquecer que, antes de os adesivos vermelhinhos dos carismáticos, com aquela pomba do Espírito Santo, serem pregados nos carros da burguesia, o brochezinho do Espírito Santo já voava, fazia tempo, na batina de

Dom Helder – o “bispo vermelho” –, inspirando a sua luta com os pobres e contra a pobreza. Antes da renovação carismática encher o Geraldão com louvores pentecostais, o Encontro de Irmãos (que foi fundado aqui no Recife, em dia de Pentecostes) organizava comunidades de vida e ação, com a Bíblia à mão, em nome do Espírito Santo. Como discernir tanto “Espírito” que apareceu na Igreja, de repente, a partir do Concílio Vaticano II?! Nos dicionários de teologia, antes do Concílio, o verbete “Espírito” nem sequer existia...

E a maioria do povo cristão e católico, que está longe do clero e também não entra nem na Renovação Carismática, nem no Encontro de Irmãos, como é que vivencia o Espírito Santo? A devoção popular, que é uma vulgarização da mística ocidental trazida dos séculos XII e XIII, coloca o cristão, direta e imediatamente, diante de Jesus – pelo menos entendido como o santo maior, o “Santo Cristo”... O cristianismo popular imediatista suprime o tempo-espaço e qualquer diversidade: nada resta senão “eu” e meu “Bem-Amado” - não sobra muito lugar para o Espírito. Vejam só o que o povo pensa disso, conforme uma pesquisa que fizemos ainda estudando no ITER (cf. VVAA. *A fé popular no Nordeste*. Salvador: Editora Beneditina, 1974):

- A gente não sabe quem é ele, nem o que ele faz. Mas sabe que ele existe. Quando a gente se benze, diz: Pai, Filho e Espírito Santo. Ele é um passarinho e um cristão. É Deus. Não vê que tem o corpo de Deus, o coração de Jesus? Tem também o Espírito Santo. Mas é uma coisa muito fina pra gente pegar.
- O Espírito Santo é Deus. Agora o povo diz que ele é o Pai do Filho. Deus Pai deve ser, então, o avô de Jesus. Agora tudo é igual. Tudo é Deus.
- O Espírito Santo é Deus. É uma pessoa da Santíssima Trindade. Quer dizer, eu digo isso porque me disseram, mas eu não sei se é mesmo, pois eu nunca vi.
- O Espírito Santo deve ser uma coisa diferente que ninguém vê. Um espírito mesmo. Só que ele não pode fazer mal, pois é santo.
- Eu não rezo muito ao Espírito Santo, porque tem muitos santos e não se pode rezar só pra um. Peço a todos que intercedam a Jesus. Agora o Pelosinal já é uma oração ao Espírito Santo.
- O crente trabalha na força do Espírito Santo e não tem vergonha para pregar para os letrados, porque está dizendo a verdade e é o Espírito que fala por ele.
- Ele baixou como umas chamas de fogo e eles, os apóstolos, começaram a falar em muitas línguas.
- A gente recebe no batismo e a criança fica com outro ar.

- Ele ainda hoje atua no batismo, na comunhão, no crisma, na extrema-unção. Na comunhão ele está presente; agora, a gente não vê, porque somos pecadores. É Jesus que está na hóstia, mas onde está um, estão todos; por isso o Espírito Santo está também na hóstia.
- A gente recebe o Espírito Santo quando está na igreja e canta: a nós descei divina luz.
- O Espírito Santo nos dá a inteligência, o entendimento. Ele tem a força de fazer o cristão conhecer o que é bom e o que é mau. O Espírito Santo foi quem deu a força aos apóstolos de falarem várias línguas e, sobretudo, de anunciarem o Cristo sem medo. Ele é quem conforta a gente. Ele é quem nos dá a força para ter paciência.
- Ele faz o que os outros santos faz: ajuda a chover, a melhorar a nossa saúde, e nos atende quando a gente faz uma promessa com ele.
- O que o Espírito Santo faz é iluminar a gente. Há doze anos que sou professora, e todos os dias rezo com minha turma a oração do Espírito Santo, para ele iluminar a inteligência dos meninos, para aprenderem a lição e seguirem a Jesus.
- O Espírito Santo é quem nos dá a vida para a gente poder trabalhar, ter saúde, cuidar dos filhos.
- O Espírito Santo é quem dá bons pensamentos e bom coração. O Espírito Santo é amor, porque se eu gosto de você e você vai embora, eu quando me lembro, sinto o coração vibrando e, então, eu digo: Ai, que saudade! Isto não é o Espírito Santo? Também quando um rapaz gosta de uma menina, é porque tem o Espírito Santo. Quando um marido gosta da mulher, também. Ele age em nosso coração.
- Ele é um espírito santo mesmo. Isto é, um espírito que vaga por aí, fazendo muita coisa boa. Ele não é igual aos outros santos, por isso não tem precisão de festa. Ele é maior e não precisa disso.
- Eu já vi falar muito no Espírito Santo. Minha filha mora lá. Esse nome eu acho que é por causa do santo de lá. Agora, eu nem sei se existe mesmo um santo com esse nome.
- O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Mas para mim o Espírito Santo é Jesus, não como Jesus estava na terra.
- O Espírito Santo é o maior santo que existe. Ele é Deus. Ele é o mesmo Jesus. O nome de Deus não termina com o Espírito Santo? Pai, Filho, Espírito Santo?!
- Eu não sei quem é o Espírito Santo. Sei que tem o Pai eterno, que é bom, e já governou o mundo; tem Jesus Cristo, que é o Filho, e está governando e

tem o Espírito Santo, que é um pássaro, e, quando ele governar, todos nós vamos ressuscitar como pássaros, todos brancos.

- O Espírito Santo é uma pombinha. Não sei o que significa. Acho que era um santo que se transformou num passarinho para ver a gente melhor sem ser descoberto.
- O Espírito Santo é uma luzinha que desce para acender em nós o amor de Jesus.
- Todo dia eu invoco o Espírito Santo. Tem dias que eu invoco até duas vezes. Quando eu invoco, eu rezo: Vinde Espírito Santo, enchei o coração de vossos fiéis.
- O Espírito Santo não é o pai de Jesus Cristo? Dizem que ele foi quem pingou um pingão de sangue na cabeça da Virgem Maria para que ela recebesse Jesus.
- Para mim o Espírito Santo é o mesmo Jesus Cristo. Ou será outro? E há outro Deus? Porque se o Espírito Santo é Deus, e Jesus Cristo é Deus, e os dois não são o mesmo, quer dizer que há outro Deus.
- Foi assim que Jesus se encarnou: o Espírito Santo derramou três gotinhas de sangue na cabeça de Maria e furou-lhe a cabeça com um alfinete. Depois disto, ela ficou grávida.
- No tempo da inocência, o Espírito Santo era quem comandava a festa dos pássaros.
- O Espírito Santo é uma pessoa da Santíssima Trindade, mas um só Deus verdadeiro. Ele é o pai de Jesus Cristo. Ele colocou um pingão de água na cabeça da mãe poderosa e gerou Nosso Senhor. Ele é muito fino e poderoso. Jesus tem muito poder, tem todos os poderes, mas o Divino Espírito Santo é muito mais poderoso do que Jesus.
- Eu sei que tem o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Só não acho bom esta história de ficar como pássaros.
- Foi ele quem encarnou Jesus em Nossa Senhora. Agora ele está agindo. Não é Jesus? Então, está em toda parte aonde se procurar. Eu sei que, quando a gente morre, vira aqueles pombinhos brancos, porque a gente se limpa. O que se salva é só o espírito; a matéria é lama.

Esses depoimentos nos mostram que, com efeito, a pneumatologia, a pouca teologia do Espírito que há na Igreja romana, afetou-se um pouco pelo cristomonismo – como acusam os Ortodoxos – e pelo eclesiocentrismo – como acusam os Protestantes. Tudo foi sendo centralizado em torno do Cristo, e o Espírito foi sendo desprezado. No máximo é invocado para justificar as estruturas da Igreja. Daí a dificuldade de o povo falar direito sobre a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Perdeu-se o elemento experiencial-afetivo e o gracioso-criativo em nos-

sa reflexão teológica – e o povão anda perdido na sua reflexão sobre o Espírito, menos quando o percebe como doador da vida “para a gente poder trabalhar, ter saúde, cuidar dos filhos”, “uma coisa muito fina”... Parece que o nosso povo, feito o do antigo Israel, continua reconhecendo em Deus um poder “do céu” (vento ou fogo), absoluto e livre, que insufla a Vida. Mas daí a relacioná-lo com o Criador e com o Redentor do cristianismo... Daí a relacioná-lo com a criação material e a nossa ressurreição... Quando muito, as formulações dogmáticas são repetidas, mas esvaziadas de significação vitalizadora.

Não se deveria tratar de Cristo, Filho de Deus, sem relacioná-lo com o Espírito Santo: são “as duas mãos do Pai”. Se por um lado a Sabedoria do Espírito é a Palavra do Filho, da qual sempre se dispõe a recordar (cf. Jo 14, 26), a vitalidade do Filho é a Liberdade e o Impulso do Espírito, com que estabelece os desejos do Pai (cf. Jo 6,63). Mas quem é que fala do Espírito? E como é que fala?

Nem se deveria tratar de Igreja sem relacioná-la com o Espírito Santo: normalmente pensamos na Igreja como uma mistura de poderes divinos, apresentados como prolongamentos diretos dos poderes do Cristo, e de pecados ou de fraquezas humanas dos seus ministros. Mas a Igreja é feita por humanos mesmo – o Povo de Deus - por isso é diferente do Cristo - ao qual está unida pela força e ação do Espírito, que convoca esse novo Corpo de Cristo. De forma que os ministérios, catequeses e liturgias da Igreja não derivam diretamente do Cristo e podem e devem sempre se transformar, de modo a melhor sacramentalizar a missão do Espírito no mundo.

Devemos perceber, ao mesmo tempo, que a Igreja é humana, não apenas em suas fraquezas, mas, antes de tudo, nas forças humanas – com as quais o Espírito vai justamente encarnando o Governo de Deus na história e na sociedade. Os nossos corpos - e a nossa ação no mundo - não devem ser encarados como lama passageira: somos templos do Espírito. Apesar de todas as fraquezas, podemos expressar o Espírito, tomando consciência da sua ação em toda a matéria que evolui e se torna relacional e amorosa e sendo conseqüentes com essa ação em nossos relacionamentos econômico-políticos, erótico-pedagógicos, artístico-científicos. Tudo isso é espiritual quando é feito com amor. Toda bondade e toda beleza no mundo – a onda do surfista e o surfista também – são expressões da vida que o Espírito sopra, Reino de Deus, em todo canto.

Não vamos ressuscitar como pombinhas brancas - ou vermelhas -, e sim com os nossos corpos de nordestinos, a nossa carne. Nossa esperança não deve ser de um outro mundo, ir morar num planeta de pássaros: vamos habitar a nossa cidade, “Jerusalém” – no céu! Outro dia, a propósito, disse-me uma criança: “Olhe, pra morar no céu, não é preciso morrer. É só virar o mundo de cabeça pra baixo”.

A Igreja nasce simbolicamente do peito de Cristo aberto na cruz (princípio

crisológico), mas também nasce no dia de Pentecostes (princípio pneumatológico). Por isso a referência à Igreja no Credo apostólico é feita precisamente no capítulo do Espírito Santo: “Crês no Espírito Santo, (presente) na santa Igreja para a ressurreição da carne?”. Vejam bem o que diz o credo: o Espírito existe, especialmente na Igreja, para espiritualizar e ressuscitar a carne, o mundo, os nossos corpos. Ele não é contra a nossa humanidade, e sim a favor da nossa divinização. Mas quem é que fala do Espírito? E para que é que fala?

Quando se fala em “espírito” entre nós, a idéia é de algo substancial, porém invisível, capaz de vida própria, em oposição à matéria e, portanto, ao corpo. Essa atitude (pseudo) teológica afeta a antropologia religiosa, visto que divide o ser humano, criado integralmente à imagem e à semelhança de Deus, numa entidade dupla, composta de corpo e alma, destinado a transcender o mundo material e, portanto, o corpo, na direção de um outro mundo, puramente espiritual. Acredita-se que, quando as pessoas morrem, o “espírito” ou alma sai do corpo e fica vagando por aí, até encontrar o seu lugar, nem sempre definitivo, na economia do mundo sobrenatural.

Quando se aplica a essa metafísica popular o conceito cristão de salvação, a mensagem do evangelho fica reduzida à ordem “salva a tua alma”. Não entram a dimensão da sociedade e a da política. Não existe, geralmente, em nossa mística, a percepção da unidade entre a forma material do humano e o divino e espiritual “hálito de vida”. Mas as Escrituras nos mostram a pessoa de Jesus, o Cristo, na mais plena humanidade. Sua ressurreição não é a sobrevivência de um “espírito” ou de uma “alma”, mas a ressurreição do corpo. Depois de ressuscitado, Jesus aparece sempre é para comer e passear: vejam os Evangelhos. E se os nossos corpos são para a ressurreição, deve haver neles as marcas da alegria criada por Deus – vamos “pegar onda” minha gente, curtir com equilíbrio, feito surfista, o mar da vida. Os frutos do Espírito Santo, inclusive, são “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, mansidão, autodomínio” (Gl 5, 22-23), “justiça e verdade” (Ef 5,9).

Mas a tradição teológica da Igreja latina não faz essas relações com o Espírito. Agora, quando dizemos “tradição”, estamos tratando, na verdade, da tendência predominante até o Vaticano II e que não é, aliás, a mais tradicional ou originária do cristianismo: reflete a situação de inserção da Igreja no mundo político do Império Romano, desde o século IV, tendo-se cristalizado muito mais tarde, graças a Gregório VII e à sua luta para defender-se dos Príncipes, a partir do ano 1000.

Aí é que se passou de uma Igreja-comunidade para uma Igreja identificada com a sociedade e fundamentada na “sociedade perfeita” dos religiosos. Em suas origens bíblicas e patrísticas, é toda a Igreja que faz e celebra a eucaristia (sempre

presidida por pastores próprios) e é a eucaristia que faz e constitui a Igreja. A partir do segundo milênio, a eucaristia é celebrada pelo clero, e é este o que constitui realmente a Igreja: o povo é simples freguês nas suas “freguesias”. A Igreja, em lugar de ser o Corpo real de Cristo, passou a ser o Corpo místico de Cristo; enquanto que a eucaristia, em lugar de ser o Corpo místico de Cristo, passou a ser o Corpo real de Cristo.

Abandonou-se uma mentalidade na qual o simbólico não se opõe ao real, mas o pressupõe e o faz aflorar, por outra mais racionalista, onde símbolo é oposto de realidade e de verdade. Por isso, a eclesiologia simbólica de comunhão foi sendo substituída por tratados apologéticos para defender o poder papal e a estrutura piramidal da Igreja: as comunidades não puderam mais eleger seus bispos e exercitar o consenso dos fiéis na recepção das normas. Foi o fim do pluralismo teológico, litúrgico e pastoral. O clero separou-se dos leigos, separando-se depois das Igrejas orientais (no século XI) e das Igrejas da Reforma (no século XVI). Ultimamente separou-se também do mundo moderno, que se desenvolveu às margens e, muitas vezes, contra a Igreja.

Por trás desses dramas está o esquecimento do Espírito. A divindade do Espírito, proclamada solenemente no I Concílio de Constantinopla (381) - “O Espírito Santo é Senhor e vivificador, que procede do Pai e é objeto da mesma adoração e da mesma glória com o Pai e com o Filho” - significa afirmar que a Igreja tem um princípio vital divino, presente em todos os batizados – inclusive naquele surfista. Significa que vivemos todos, com nossos corpos, uma vida divina; que participamos da própria vida de Deus e da ressurreição de Jesus. É esse Espírito que produz a santidade dos mártires, o ardor dos missionários e o fervor dos místicos. É esse Espírito, “Pai dos Pobres”, que faz destes os primeiros destinatários e evangelizadores do Reino de Deus.

Mas, no segundo milênio, foi-se criando uma distância entre a Igreja e o Espírito, entre a própria teologia e o Espírito: o método teológico da *Lectio Divina*, espiritual e sapiencial, foi substituído pelas *Quaestiones* e as *Summae*, centradas na racionalidade escolástica da fé. Os profetas carismáticos foram excluídos pouco a pouco da direção das comunidades. O prolongamento carismático da revelação, através de novos escritos revelados, foi reprimido já pela Carta de Páscoa (ano 367) do bispo Atanásio (e isso tem relevância quando sabemos que, no Evangelho apócrifo aos Hebreus, Jesus diz “Naquele momento, minha Mãe, o Espírito Santo, me agarrou pelos cabelos e me conduziu até em cima da grande montanha do Tabor” [cf. Benoît, P. *Synopse des quatre évangiles*. Citado em Boff, Leonardo. O rosto materno de Deus. Petrópolis: Vozes, 1979, p.97]). Os diversos cargos carismáticos foram institucionalizados: o exorcista passou a ser uma ordem menor no caminho da ordenação sacerdotal, do mestre carismático exigiu-se primeiro ser

sacerdote ordenado.

Percebemos ainda, todavia, a presença do Espírito nos monges que fogem para o deserto, não somente para lutar contra os demônios pessoais dos sete pecados capitais, mas também contra os demônios de uma sociedade que se denominou cristã, e que, no entanto, esqueceu a radicalidade evangélica, a tensão escatológica na direção do Reino. Os movimentos leigos e populares dos séculos XI ao XIII representam outro momento profético, crítico e pneumatológico da Igreja medieval, que sobretudo em Joaquim de Fiore ansiou pela era do Espírito, da Igreja fraternal e servidora. Na própria conquista das Américas, contra a eclesiologia oficial levantaram-se bispos (Las Casas, Toribio de Mogrovejo, Valdivieso, Juan del Valle...) e missionários (os dominicanos de La Española, os franciscanos do México ou os jesuítas das Reduções) que se colocaram do lado dos indígenas e perceberam a evangelização na perspectiva dos “cristos crucificados” nas “Índias”, vendo neles e nos negros os pobres de Jesus Cristo. Como deixar de perceber também nas críticas dos irmãos Protestantes e, antes, dos Ortodoxos, fortes lufadas do Espírito que nos lembrava a primitiva vivência do Senhor?!

E não devemos olvidar que o Espírito Santo concedeu às mulheres – a despeito dos limites paulinos: “As mulheres se calem nas assembléias” (1 Cor 14,34) – uma particular atuação na Igreja. Entre as grandes figuras proféticas, encontram-se desde Hildegarda de Bingen até Santa Teresa, passando por Catarina de Sena e Santa Isabel – mulheres, aliás, que, muitas vezes, foram envolvidas em inquéritos pelas autoridades eclesiásticas e que, nalguns casos, como Joana d’Arc, foram vítimas dos seus perseguidores inquisitoriais. É significativo que foi precisamente entre os evangélicos quacres, que defendiam a liberdade incondicional do Espírito Santo contra toda forma de institucionalização, que eminentes mulheres assumiram a liderança contra a escravatura, contra as prisões e contra o patriarcalismo. E o que seria do Encontro de Irmãos aqui, no Recife, sem a venerável Biluca? Eu não quero encontrá-la no céu como uma pomba branca, e sim como a operária negra que me ensinou a amar. E Dom Helder, o que seria dele sem Zezita, sem as irmãs lá das Fronteiras?

Acontece que agora tivemos, em 1964, o Concílio Vaticano II, que é o ponto de partida para um novo Pentecostes na vida da nossa Igreja. O documento *Lumen Gentium* fez a Igreja olhar para si e se renovar, enquanto Povo de Deus todo ministerial e, em comunhão, pela ação do Espírito. E *Gaudium et Spes* apresentou uma Igreja que, com Espírito novo, dialoga com o mundo e deseja caminhar junto para servir, anunciar e testemunhar a missão do Evangelho de Jesus Cristo.

Até o Vaticano II, acreditava-se que Deus havia revelado em Cristo, e até o último apóstolo, pelo Espírito, um depósito de informações verdadeiras frente às quais deveríamos ter fé – enquanto consentimento racional e aderência sentimen-

tal -, tratando de adequar-nos moralmente a tais verdades. Depois do Vaticano II, deve-se conceber revelação como uma verdadeira pedagogia divina: é o Espírito Santo que nos permite interpretar os “sinais dos tempos” e, numa certa altura do esperançoso compromisso prático para com a defesa da vida no mundo, acreditarmos que aquele grito que despertou a nossa práxis amorosa é sagrado, ou seja, percebermos que, dentro da nossa relação amorosa, fala-nos processualmente uma Palavra – Revelação – diferente, que causa diferença na vida.

Uma pergunta para a qual aponta o Vaticano II, ainda que não tenha sido explicitada, é se a Igreja crê, realmente, nesse Espírito que leva toda a comunidade, pelo amor, a toda a processual verdade.

E quais seriam os “sinais dos tempos” que a Igreja deveria estar lendo agora? Li sobre uma pixação - “Existe alguma vida antes da morte?” – que bem representa a nova angústia dos tempos, que não vivem tão interessados no além, mas no aqui e agora. O grito dos excluídos é por “vida já”, e a Igreja deve pulsar com o coração deste “século mau”, procurando, na missão de vitalizá-lo – segundo o Espírito -, a fonte para o seu próprio funcionamento e estrutura.

Discernimos que, na virada do milênio, na sua relação com o mundo, a Igreja deve situar-se no meio de uma dupla ruptura: de uma parte, ruptura vertical entre a cultura da cristandade clerical-paroquial e as culturas indígenas e do mundo secularizado; e, de outra parte, ruptura horizontal entre ricos e pobres, entre os que possuem o poder cultural e político e aqueles que estão sem poder, sem terra, sem voz. Que gesto concreto o Espírito nos está sugerindo no sentido da libertação dos empobrecidos e da inculturação do Evangelho?

As outras tarefas que discernimos, do Espírito, referem-se à organização interna da Igreja. Ela já tem pregado sobre a importância dos valores democráticos na sociedade civil, mas falta agora integrar tais valores em sua dinâmica interna: deixando às comunidades locais mais autonomia para estruturarem sua vida comunitária e escolherem os que seriam chamados a exercer o serviço da presidência, incluindo pessoas casadas, mulheres e homens, segundo as necessidades e as características de cada lugar. Nunca me esqueço da vez em que, ainda estudantes, apresentamos, no auditório da FAFIRE, uma peça sobre a vida do povo, que terminava com os “atores”, ainda na ditadura militar, segurando uma faixa grande que dizia “Diretas Já” e, quando se dobravam aos aplausos, aparecia uma criança atrás com um cartazinho “para bispos também” – Dom Helder, que estava na primeira fila, aplaudiu... A democracia traz o risco de a Igreja tornar-se manipulável por famílias e grupos ricos e influentes. Mas a aristocracia clerical tem deixado a Igreja cansada e mesmo estressada – como descobrimos na última semana teológica. Vejam que, na Mensagem da Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a América (cf. *Omnis Terra*, edição portuguesa, n. 27, ano IV, fevereiro de 1998, p.

47s), não aparecem nenhuma vez as palavras “libertação”, “inculturação”, “protagonismo”, “autodeterminação”, “autonomia”, “democracia”, “participação”, “neoliberalismo”, “operários” e “exclusão” - que são palavras-chave da missão que o Espírito tem soprado na nossa Igreja... O problema verdadeiro, notem bem, não é a oposição entre clérigos e leigos, mas entre aqueles que se aproveitam da espiritualidade e os que servem à missão do Espírito no mundo - até porque, entre estes, o poder é serviço e aí ninguém fica brigando pelo poder. Aí não faz sentido nem mesmo falar, como hoje, de clero e de leigos, porque a Igreja toda é ministerial.

Ligado a isso há o problema - ou solução para muitos problemas - das mulheres na Igreja, do equilíbrio de relações entre mulheres e homens na convivência eclesial. Afinal de contas, elas são metade da humanidade - e inclusive são as mães da outra metade, até de Dom Helder e do Papa. Vejam que a questão se prende às nossas origens culturais judaicas. A divindade suprema dos hebreus - Yahweh -, enquanto representação primitiva de um poder celestial da tempestade, força libertadora, “Pai do Céu” mais tarde, não evoluiu para uma hierogamia com uma grande deusa da terra, porque desenvolveu-se na linha da soberania e liberdade absolutas do “Senhor dos Exércitos”, autor de todas as normas que permitem à vida continuar sobre a terra - conforme os limites e possibilidades da Revelação na cultura agrícola-patriarcal dos judeus. Apesar - e por causa - disso, Yahweh apresentava-se quase androginamente como Verbo(masculino) e como Sopro(feminino). Por que é que até hoje não se mostra a dimensão feminina de Deus no Espírito? Isso vai revelar a ausência do feminino com expressão em nossa Igreja. E tal ausência, certamente, é que explica o fato de o Espírito ser tão esquecido entre nós...

Enfim, gostaria de concluir deixando um último recado do Espírito Santo sobre o desafio do ecumenismo. Até porque na festa de Pentecostes é que rezamos a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, não é? Pois, enquanto as Igrejas tropeçam em barreiras corporativistas, os cientistas e pensadores civis - certamente com o sopro do Espírito - lembram a todos que o ser humano é derradeiro rebento da árvore da vida, a expressão mais complexa da biosfera. O homo sapiens/demens do qual somos herdeiros imediatos emergiu há cinquenta ou cem mil anos atrás, trazendo, no tecido de seu corpo e incrustado na sua psique, a história, bilionária história, de todo o universo. Na grande dança do mundo, somos todos pares de todos: os “quarks”, as estrelas, as pedras, as galáxias, as formigas e os humanos e as florezinhas.

Para além das fronteiras religiosas, cresce a consciência de que deveríamos nos reconhecer como comunidade humana, geneticamente ligada com todos os seres vivos, evoluindo junto com a totalidade do cosmos. Nossa existência deve

ser concebida – (quanta espiritualidade!) – como interdependência a todos os níveis. Todos os povos e a terra inteira estamos ligados, de sorte que juntos é que devemos encarar nossa comum missão de salvar a vida. Sendo assim, não dá para entender que um só povo ou religião ou Igreja, um só sexo ou raça ou classe sejam a luz do mundo. Todos somos luz e treva, em comunitária evolução. Nenhum triunfalismo, religioso ou de qualquer espécie, pode ter lugar neste “novo” paradigma de universo, onde se procura permitir a vida a todos. Diante desta aventura ecumênica que o Espírito do Senhor está provocando no mundo, então, as tímidas tentativas de Igrejas cristãs para se reunirem em torno das palavras e do banquete de Jesus chegam a ser “fichinhas”.

Mais triste ainda é a dificuldade que sentimos dentro de cada uma das nossas próprias Igrejas, no sentido de articular as duas espécies de testemunho profético que podemos oferecer ao mundo: a de tendência mais sociopolítica e a de tendência mais mística. Frente à religiosidade tradicional teocêntrica (que aponta para seres intermediários na busca das bênçãos de um Deus – Pai – distante, para corpos alquebrados num “mundo perdido”), o cristianismo de renovação, mais antropocêntrico, cria comunidades carismáticas e movimentos espirituais que visam a uma experiência psicológica e íntima do Espírito de Deus na própria pessoa, atestando, pois, os dons da presença vivificante do Deus vivo no mundo. Por seu turno, o cristianismo de libertação, mais historicocêntrico, inventou as Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais engajadas: elas criam uma espiritualidade em torno do seguimento do Senhor Jesus na práxis histórica libertária, questionando, assim, os senhores deste mundo injusto e militando, gratuita e vigorosamente, por um mundo melhor. É lastimável que, nas Igrejas contemporâneas, essas tendências, dos grupos de renovação e de libertação, excluam-se mutuamente com frequência – quando deveriam era interpelarem-se criativamente.

Enfim, para o próximo milênio, deseja-se que os cristãos estejamos um pouco mais amadurecidos, capazes de uma fraternidade ecumênica, que se amplie dentro das Igrejas, entre as Igrejas, com as outras religiões e todo o humano e cósmico. Certamente que o critério para se construir tais relações é o serviço ao projeto divino do Espírito que nos chega pelo grito dos necessitados e sacrificados. Como dizia Antônio Vieira: “... Não há lume de profecia mais certo no mundo que consultar as entranhas dos homens. E de todo homem? Não. Dos sacrificados. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam (para diminuir o sacrifício dos outros)” (Citado em Alves, Rubem. *Variações sobre a vida e a morte*. São Paulo: Paulinas, 1985, p.71).

Para finalizar, como eu não sabia botar fim nisso, deixei que o Espírito nos falasse pela descontraída alegria das crianças. Perguntei-lhes, através de um amigo, quem é Deus, como pensam no Espírito de Deus... (cf. Bloch, Pedro. *Dicionário*

de humor infantil. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997):

- Eu não rezo pra pedir nada a Deus. Só rezo pra perguntar se ele precisa de mim pra alguma coisa.
- Eu chateio muito a Deus. Peço coisas que ele nem tem.
- Deus faz tudo: biscoito, bala, jujuba, picolé. Hoje, por exemplo, é dia de ele fazer pipoca.
- Mãe, Deus tem família ou o coitado vive só?
- Sim, eu sei onde Deus está. Está em mim.
- Deus reza, sim. Só não sei é pra quem.
- Deus sabe tudo de memória. E sem computador.
- Eu sei que tem um Deus pra Terra. E os outros planetas, como é que ficam?
- Eu nem sei se acredito em Deus. Faltei à aula de religião.
- Se eu acredito em Deus? Coitado de mim se eu não acreditasse. Quando mamãe diz “Vá com Deus” com quem é que eu vou?
- Eu não sei quem é, nem a rua que ele mora. Dizem que está em toda parte. Vai ver que nem casa ele tem.
- Ouvi papai lembrar um cantador lá do Norte:

‘Eu sou maior do que Deus.
Maior do que Deus eu sou.
Eu sou maior no pecado,
Porque Deus nunca pecou’.

Aí eu fiz:

Eu sou maior do que Deus.
Maior do que Deus eu sou.
Eu sou maior na burrice
Porque Deus já sabe tudo
E eu sei que não rimou.

- É Deus, pronto. Mas do jeito que o mundo anda, Deus só pode estar de férias.
- Ele construiu o Brasil, Adão e Eva. E pronto.
E pronto mesmo!

BIBLIOGRAFIA

- BIRON, Jean-Marc. L'église à l'heure des choix. In: VVAA. *L'an 2000 et après?* Québec: Jésuites Canadiens, 1998.
- BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CODINA, Víctor. *Creio no Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- COMBLIN, José. *O tempo da ação*. Petrópolis: Vozes, 1982.
- CONGAR, Yves. Pneumatologie dogmatique. In: VVAA. *Initiation à la pratique de la théologie*. Paris: CERF, 1982.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Santos: Martins Fontes, 1977.